

O JAPÃO, PEARL HARBOUR E A SAGA DO ALMIRANTE KIMMEL

Parte II

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO

A ERA MEIJI

Antecedentes

Matsu-Hito

O expansionismo japonês

A guerra com a China

A guerra russo-japonesa

Hiroito

A Primeira Guerra Mundial

O noivado de Hiroito

A viagem de Hiroito ao Reino Unido

Anexo A: A Insurreição Taiping

A ERA MEIJI

ANTECEDENTES

O xogunato, após o Tratado de Kanagawa assinado com os americanos, seguido por acordos com outros países, perdera sua razão de ser. Afinal, o título *xógum* é traduzido literalmente por "general que expulsa os bárbaros".¹

A partir da chegada do Almirante Perry, foi percebido por todos, mesmo pelo camponês inculto, que ocorrera uma mudança profunda. O xogunato, que por um quarto de milênio isolara e pacificara o Japão, vergara-se ante os canhões dos navios estrangeiros. Tratava-se de um fato. Contra ele nada significava a tradição que a elite tudo

* N.R.: Todas as ilustrações desse artigo foram retiradas do livro "Pequena História das Grandes Nações - Japão", Círculo do Livro - 1976, exceto as especificadamente indicadas.

O JAPÃO PRÉ ERA MEIJI



Trabalho com bambu no pátio de uma casa (início do Século XIX)

UM AUXÍLIO AO LEITOR DO ARTIGO

(elaborado pela RMB com assistência do autor)

- Alekseiev** – almirante, comandante russo da Manchúria (Guerra Russo-japonesa)
Alexi Kuropatkin – general ministro da guerra de Nicolau II (Guerra Russo-japonesa)
Atsutame Hirata – líder do movimento nacionalista japonês
Benedito XV – papa por ocasião da visita de Hiroito à Europa
Choshu – família dominante pretendente a dar a noiva de Hiroito; filha de Yamagata, sua pretendente a noiva de Hiroito
Fushimi – família dominante pretendente a dar a noiva de Hiroito; príncipe, pai de Kuni, avô do Nagato (noiva escolhida por Hiroito)
Guilherme II – kaiser da Alemanha (Primeira Guerra Mundial)
Hara – primeiro-ministro do clã Choshu por ocasião do noivado de Hiroito
Hideyoshi – príncipe que foi derrotado na Coreia (1592)
Hiroito – imperador do Japão coroado em 1912
Kawamura – almirante japonês em cuja casa Hiroito foi criado
Kuni – príncipe, pai de Nagato, noiva escolhida por Hiroito
Matsu-Hito – imperador do Japão 1868/1912
Mito – príncipe cujos samurais conquistam o castelo do xógum (5/1868) em Edo
Nagato – noiva escolhida por Hiroito
Nakamura – ministro da Casa Imperial do clã Choshu por ocasião do noivado de Hiroito
Nicolau II – czar de todas as Rússias durante a guerra russo-japonesa
Nogi – general japonês, favorito do Meiji, que comandou as tropas contra Port Arthur
Ray Sanyo – líder do movimento nacionalista japonês
Rozhestvensky – almirante russo que trouxe a esquadra do Báltico para o Pacífico
Sadaku – imperatriz, mãe de Hiroito
Satsuma – daimio cujos servidores assassinaram um comerciante inglês; família dominante na época do noivado de Hiroito
Shimazu – família de Nagato, noiva escolhida por Hiroito
Shoin Yoshida – conspirador executado em Tóquio em 11/1859
Sugiura – professor de ética de Hiroito
Taisho – nome adotado por Yoshihito ao se tornar imperador
Togo – almirante japonês, comandante da esquadra vencedora da Batalha de Tsushima
Tokugawa – casa dominante mas enfraquecida em 1867
Toyama – líder do Dragão Negro (a “mafia japonesa”)
Yamagata – general, genro da Imperatriz Sadaka, que se opunha à escolha da noiva Nagato
Yamamoto, Isoruku – almirante japonês, idealizador do ataque a Pearl Harbour
Yoshihito – imperador do Japão até 1912 com o nome de Matsu-Hito
Yoshinobu – xógum que transferiu o governo para Matsu-Hito
Yuan Shi-Kai – presidente chinês em 1915
Yukichi Fukusawa – samurai, novo chefe do movimento nacionalista

fizera por preservar. De que valeriam seus valentes *samurais* e seus juncos movidos a remo e vela contra o poder militar incontestado que se apresentara?

Uma pergunta ocorreu aos japoneses: por que submeter-se à coerção policial do xogunato, se ele nada significava em relação ao mundo exterior. Se ele permitira a insuportável submissão aos bárbaros? Iniciava-se, então, expandindo-se pelo país, forte movimento nacionalista que exigia desagravo. A história romântica do Japão, rica em heroísmos, é impressa em milhares de exemplares. As lendas sublimes são distribuídas em panfletos. A juventude inflama-se e “adere aos ideais patrióticos de Atsutame Hirata e Ray Sanyo, que falam abundantemente da velha ‘majestade imperial’ e do retorno à mais antiga religião do velho Japão: o xintoísmo, o culto de grandes antepassados”.²

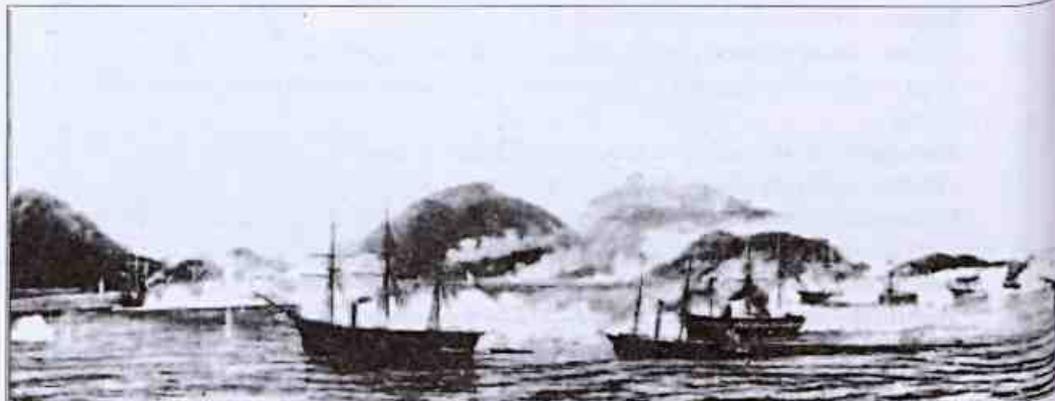
O sentimento que vai-se apoderando do povo é o da unidade nacional. As esperanças direcionam-se para Quioto, a antiga capital, onde residia isolado, sem qualquer poder temporal, o *tenno*, que é colocado no centro da consciência nacional. Somente o *tenno*, homem e divindade, poderia soerguer o Japão. A estrutura social imobilizada pelo xogunato começa a desmantelar-se. E tudo acontece rapidamente. Os antigos valores

vão caindo, “mas o imperador permanece”, mais forte que nunca. As idéias e sentimentos transformam-se, rapidamente, em um processo revolucionário.

Em novembro de 1859, “um homem de duas espadas, Shoin Yoshida, e alguns outros conspiradores são executados em Tóquio”. Do ideário de Shoin Yoshida constava “a experiência de bater os bárbaros com sua própria ciência e de fortalecer o Japão armando-o com as armas modernas dos estrangeiros”.³ E este ideário continuou vivo.

Yukichi Fukusawa, um samurai que aos 14 anos fora para Nagasaki para aprender holandês com os comerciantes e, assim, poder estudar a ciência dos estrangeiros, torna-se o novo chefe do movimento. Perseguido, foge para os Estados Unidos e, passado algum tempo, com o domínio do idioma inglês, de volta a sua terra, acompanha, como intérprete, uma missão oficial à Europa. Divulga, em livros e panfletos, o progresso que observou nos campos técnicos, políticos e econômicos dos países ocidentais.

Em 1863 funda a primeira universidade moderna em Tóquio. A revolução interna avança agora mais rapidamente. Nenhuma força policial pode deter a irrupção da nova ordem.⁴ Fukusawa continua divulgando suas idéias. Não se limita a explicar o parlamento inglês e a divisão de poderes. Quer mais. Deseja com vi-



Ataque de uma frota anglo-franco-holandesa a Shimonoski em 1864

gor, em suas proclamações, que o povo perceba e se adapte às novas circunstâncias: “(…). O encontro europeu com o Japão não terá repouso antes de a cultura japonesa ter sido levada a um ponto tal que se equipare à europeia, ou mesmo a ultrapasse...”⁵

Porém, a luta pelo poder ainda se encontrava indefinida. Dois partidos o disputavam: o xogunato medieval e o partido do *tenno*. “Nem os nacionalista, nem os xintoístas, nem os daimios, nem os samurais estão de acordo com a regulamentação das relações com os estrangeiros acordada no Tratado de Kanagawa. Consideram uma humilhação para o Japão, e toda a cólera se volta contra o xogunato que se mostrou tão fraco e transigente.”⁶ Por esse tratado e pelos acordos subsequentes, os estrangeiros em certos portos passaram a ter o privilégio de estarem sujeitos tão-somente à

jurisdição dos respectivos consulados. O imperador, em vista da oposição geral, não o ratifica.

O partido da corte dos *kuge* encampa a exigência dos nacionalistas de aceitar a entrada da ciência e da técnica estrangeiras,

mas não dos próprios estrangeiros. A oposição, da qual faziam parte os grandes *daimios* do sul, decide pela derrubada do xogunato.

A xenofobia é estimulada, com o que cresce a exaltação nacional.

“O assassinato de um arrogante negociante inglês por servidores do daimio de Satsuma é a consequência dessa agitação sistemática.”⁷

A resposta da Inglaterra vitoriana é imediata. Uma esquadra bombardeia a cidade de Kagoshima*, na costa de Kyushu, e a deixa em chamas. A xenofobia cresce e os consulados estrangeiros fecham e orientam os seus nacionais a deixarem o Japão.

“Pela primeira vez o governo da corte imperial intervém e ordena o fechamento de todos os portos, a expulsão de todos os estrangeiros e a anulação dos acordos. Sob pressão popular, o xogunato é obrigado a ceder.”⁸

Foi uma decisão sem respaldo na força. As potências marítimas não ficariam impassíveis.

Em setembro de 1864, uma esquadra euro-americana destrói as fortalezas de Shimonoseki.”

A resposta da Inglaterra vitoriana é imediata. Uma esquadra bombardeia a cidade de Kagoshima, na costa de Kyushu, e a deixa em chamas. A xenofobia cresce e os consulados estrangeiros fecham e orientam os seus nacionais a deixarem o Japão.

*

Foi uma decisão sem respaldo na força. As potências marítimas não ficariam impassíveis.

*

Em setembro de 1864, uma esquadra euro-americana destrói as fortalezas de Shimonoseki.

* N.A.: Kagoshima – cidade a SW da Ilha de Kyushu (a mais meridional do arquipélago japonês).

** N.A.: Shimonoseki – fortaleza situada no extremo oeste da Ilha de Honshu, próxima de Tsushima e de Hiroshima.

No início de 1865, uma frota ocidental penetra no mar interior e ameaça Osaka. A corte de Quioto aceita a realidade dos fatos. O Japão não possuía poder militar para enfrentar os estrangeiros. "Os terríveis exemplos da China durante a Guerra do Ópio e a insurreição de Taiping* ainda estão nitidamente presentes na memória dos japoneses."⁹

A 23 de outubro de 1865, o *tenno* assina o Tratado de Quioto, que restabelece os direitos comerciais das potências marítimas.

Homens adeptos das mudanças assumem o controle do novo Japão. A demonstração de força em Shimonoseki mostrou de modo inequívoco a necessidade de alterar o rumo.



MATSU-HITO

O centésimo vigésimo primeiro imperador da lista oficial: Matsu-Hito (1852-1912)

No início de 1867, morre o velho *tenno*. O sucessor, seu filho de 15 anos, Matsu-Hito, recebe apoio dos grandes daimios do sul, no que é acompanhado pelo partido nacionalista, os camponeses, os comerciantes e os jovens samurais românticos. Acreditavam que somente com a transferência de todo o poder para o imperador poder-se-ia pensar em um futuro grandioso para o Japão.

Na casa dominante, mas enfraquecida, dos Tokugawa eclodem brigas familiares. O *xógum* Yoshinobu, em 8 de novembro de 1867, transfere o governo para o jovem imperador, que assume em 3 de janeiro de 1868.

Todavia, um sistema dominante durante 25 anos não cede sem esboçar reação. Muitos são os que desfrutam de privilégios e deles não

querem abdicar. É da natureza humana. Os próprios daimios que apoiaram o poder para o *tenno* aliam-se ao partido do *xógum*, mobilizam seus exércitos e marcham para a capital pelas estradas e embarcados em juncos de guerra pelo Mar Interior.

"Por curto período, o Japão torna-se palco de cenas medievais."

Na estrada de Edo (antigo nome de Tóquio) dá-se o combate. Misturam-se

samurais com elmos de ferro e armaduras de escama, conduzindo estandartes antiqüíssimos que panejam ao vento e soldados à européia, não muitos, com espingardas a tiracolo e alguns canhões de bronze. "Os combates não duram muito. A resistência do partido do *xógum* desfaz-se rapidamente: a juventude da nação está contra ele. Em maio de 1868", as tropas de

* N.A.: Insurreição de Taiping - Ver anexo A) no fim do artigo.

** N.A.: Na mesma época o Brasil lutava no Paraguai.

samurais do príncipe de Mito entram no castelo conquistado do *xógum*, em Edo. A capital recebe agora definitivamente o nome de 'capital oriental' ou 'Tóquio', em oposição a Quioto, a 'capital ocidental'.¹⁰ O *tenno* e seu enorme e faustoso séquito dirigem-se para Tóquio.

"Suportado por longos esteios dourados, que repousam nos ombros de várias dezenas de 'homens de duas espadas', rodeado de cavaleiros, condes dos cantões e príncipes, o palanquim do divino, um templo de verniz, marfim, seda e jóias, avança oscilante, de cortina cerrada, entre o povo. E, como há mil anos, a multidão efervescente se ajoelha humildemente.

O imperador volta a reinar. A nação ressuscitou de um sono que se tinha prolongado por mais de dez gerações. A nova era chama-se 'Meiji' (renovação)."¹¹

O jovem soberano, intuitivamente (pois só poderia, em um homem tão jovem, ser por in-

tuição), tinha pleno conhecimento do que fazer para transformar o Japão em uma nação moderna. Intuíu que a modificação teria que ser no espírito. Em pouco tempo mostrou-se um estadista, com E maiúsculo. Compreendeu que as idéias medievais deveriam ser apagadas, como se fosse por um passe de mágica. Premiou o saber para conseguir, em uma geração, transportar o Japão da época medieval para os tempos modernos. A sociedade japonesa ultrapassou mesmo a modernização ocorrida na França napoleônica ou na Turquia de Kemmal Atatürk.

O Japão torna-se um estado centralizado, administrado por funcionários, com prefeitos em cada província, responsáveis perante um ministro do Interior.

"O jovem soberano jura, em 1868, perante uma assembléia de príncipes, que o Japão terá uma Constituição moderna, segundo o modelo inglês, e que serão efetuadas reformas segundo o modelo ocidental."¹²

Os *daimios* e *samurais* perderam seus privilégios, compensadas as perdas, apenas, com honrarias. Iniciara-se a reestruturação interna do Império. "Um decreto de 29 de agosto de 1871 suprime definitivamente a divisão dos Estados e elimina todos os privilégios corporativos. Assim, só

há cidadãos livres com os mesmos direitos e deveres; o direito do voto é concedido a partir dos 25 anos e condicionado ao pagamento de uma tributação."¹³

Eliminados seus inimigos e na condição de imperador divino, recebeu delegação escrita,

carta branca, para governar o Japão na busca do progresso que as potências ocidentais haviam conseguido. As famílias dominantes, voluntariamente, oferecem o poder ao imperador. "Não há um pedaço de chão no império que não pertença a ele", dizia um documento das famílias, que lembrava: "o poder imperial declinou e as classes militares usurparam o poder em passado recente. Agora que o poder imperial é restabelecido, como poderíamos conservar domínios de terra que pertencem ao imperador e governar pessoas que são seus súditos? Nós, por conseguinte, reverentemente, oferecemos todas as nos-

Acreditavam que somente com a transferência de todo o poder para o imperador poder-se-ia pensar em um futuro grandioso para o Japão

* N.A.: A tradição determinava que o *tenno* escolhesse o nome como desejaria ser conhecido após a morte e que desse o significado a seu reinado.

sas possessões feudais para que um governo unido possa prevalecer em todo o império. Dessa forma o país será capaz de se colocar em condições de igualdade com as outras nações do mundo".¹⁴

Que forte personalidade, que carisma possuía Matsu-Hito para transmitir a seus súditos, mormente aos poderosos, tanta confiança. Quanto patriotismo o desse povo ao acreditar nas intenções e metas de governo que o imperador começara a implementar e nelas crer piamente como o único caminho para levar a terra de Yamato ao mesmo nível dos Estados ocidentais que já dominavam a China.

"Sem esse ato de lealdade, a insurreição Meiji teria vida breve, e o Japão não teria sido capaz de exercer tão rapidamente um papel ativo no cenário mundial, após emergir de seu isolamento."¹⁵

Meiji compreendeu que a superioridade européia assentava-se em duas colunas: "a instrução e o serviço militar gerais e obrigatório, que são agora introduzidas no Japão".¹⁶

A educação para todos os japoneses determinada pelo imperador divino passou a ser encarada como um dever sagrado para ricos e pobres. A inteligência para o aprendizado foi o fator que passou a diferenciar os membros da sociedade. Valentes *samurais* tiveram diminuída a sua posição social pela dificuldade em reter, pelo estudo, os novos conhecimentos.

Todavia, Meiji sabia que o Japão não poderia evoluir em direção às técnicas e conhecimentos ocidentais por si só. Necessitaria dos "bárbaros" para tornar-se forte e, então, expulsá-los.

Chama especialistas americanos, ingleses e alemães para ensinarem os japoneses a criar e manejar a administração, as finanças e o sistema bancário e fiscal. A justiça é separada da administração. Os direitos penais, civil e comercial são refundidos segundo modelos ocidentais.¹⁷

"Estrangeiros foram contratados para dirigir portos, estradas de ferro e escolas.

A proibição aos japoneses de viajar ao exterior foi suspensa.

As vestimentas ocidentais tornam-se moda e o porte da espada foi abolido em 1870.

Surgiu um culto a todas as coisas estrangeiras, tanto que uma canção infantil muito popular, cantada enquanto se jogava com

uma bola, intitulada 'canção da bola da civilização', enumerava as dez invenções ocidentais mais valiosas. Em ordem de prioridade, eram: locomotivas, lâmpadas a gás, máquinas fotográficas, telegramas, pára-raios, jomais, escolas, correios, navios a vapor e táxis".¹⁸

Os japoneses, povo inteligente e determinado, logo deram mostras de bons copiadores, fosse nos sistemas administrativos, na engenharia, nos armamentos e na arte da guerra moderna.

Entretanto, tudo isto só se tornaria possível após o Imperador Meiji ordenar obrigatória a educação no início do seu reinado.

E quando foi decretada essa obrigatoriedade, é importante que se entenda que foi uma decisão tomada por um soberano que descendia dos deuses e, desse modo, para ser cumprida. Os japoneses, cada qual dentro de sua capacidade, eram obrigados a aprender. E aprenderam.

**O palanquim do divino
avança oscilante, de
cortina cerrada, entre o
povo. E, como há mil anos,
a multidão efervescente se
ajoelha humildemente**

Dentre todos os ramos do saber, Meiji priorizou os campos científico e tecnológico. Sabia que somente desse modo conseguiria atingir o avanço dos ocidentais.

Com a abertura determinada, principalmente pela educação de seu povo e a liberdade para viajar, surgiu uma natural curiosidade, incentivada pelo imperador, pela vida no exterior.

A China, por ser a terra continental mais próxima, foi a que primeiro atraiu a visita de japoneses qualificados. Lá aprenderam muito. Aprenderam, sobretudo, como não deveria ser o Japão.

"Havia um estado de coisas a ser evitado a qualquer custo: a China estava se transformando numa virtual colônia das potências estrangeiras, ao mesmo tempo em que o Japão se tornava parte do mundo moderno. Devido a sua fraqueza e ingovernabilidade, o país vizinho estava em processo de entregar pedaços do território soberano a Grã-

Bretanha, França e Alemanha. As concessões estrangeiras se estendiam por toda a China."¹⁹

Voltaram com o sentimento de que o Japão não permitiria que tal acontecesse na terra dos seus antepassados. Teriam que ser fortes. "Havia, de fato, muitas semelhanças entre a China e o Japão — a tradição imperial, os ideogramas, o confucionismo e o budismo —, mas os japoneses passaram a desprezar a China por sua falta de patriotismo. Durante a era Meiji, os japoneses passaram a ver a China não como

uma nação, mas sobretudo como uma cultura, um estado de espírito."²⁰

Em 1870, os exércitos teuto-prussianos do chanceler Otto Von Bismarck esmagaram, em rápido conflito, a grande França.

A esse tempo os japoneses já observavam o que ocorria no mundo exterior. Curiosos, queriam aprender como derrotar países tão fortes como a França. Passado pouco tempo, "cadetes japoneses freqüentavam escolas militares prussianas e os oficiais prussianos chegavam ao Japão como instrutores."²¹

Aos europeus interessava negociar e exercer influência política sobre o longínquo Japão. Valia o presente que poderia ser sintetizado na obtenção pecuniária rápida a ser obtida com os negócios.

Afinal, o que poderia fazer o pequeno Japão, "O anão das ilhas", no dizer milenar dos chineses.

O Japão havia escolhido os professores prussianos para seu exército. Para a Mari-

nha, "nenhum professor pode ser melhor que a Inglaterra, dominadora dos mares. Engenheiros ingleses criam os primeiros estaleiros japoneses. Na Inglaterra se constroem as primeiras unidades modernas da Marinha de Guerra japonesa em rápida ascensão: couraçados e cruzadores equipados com canhões de longo alcance das fábricas britânicas."²²

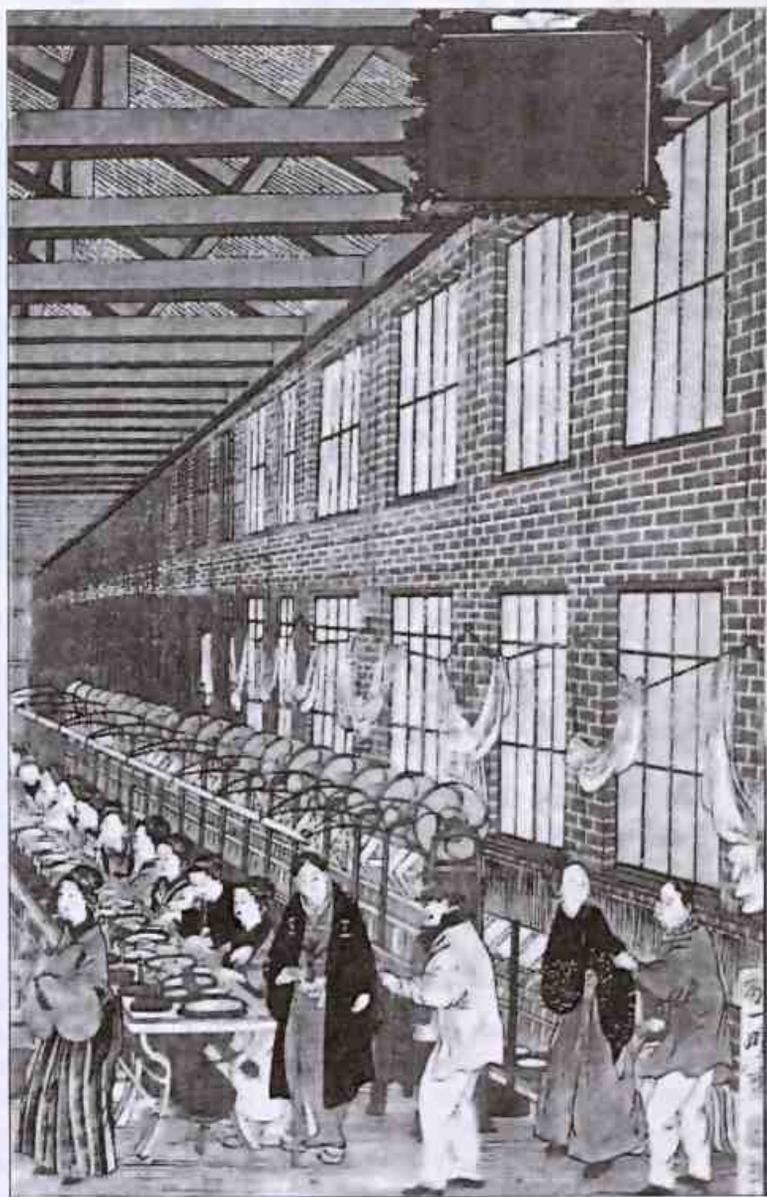
O Japão compreendeu a necessidade de criar uma poderosa marinha para impor-se às "potências", como eram conhecidas Inglaterra, Alemanha e França, que disputa-

As famílias dominantes, voluntariamente, oferecem o poder ao imperador

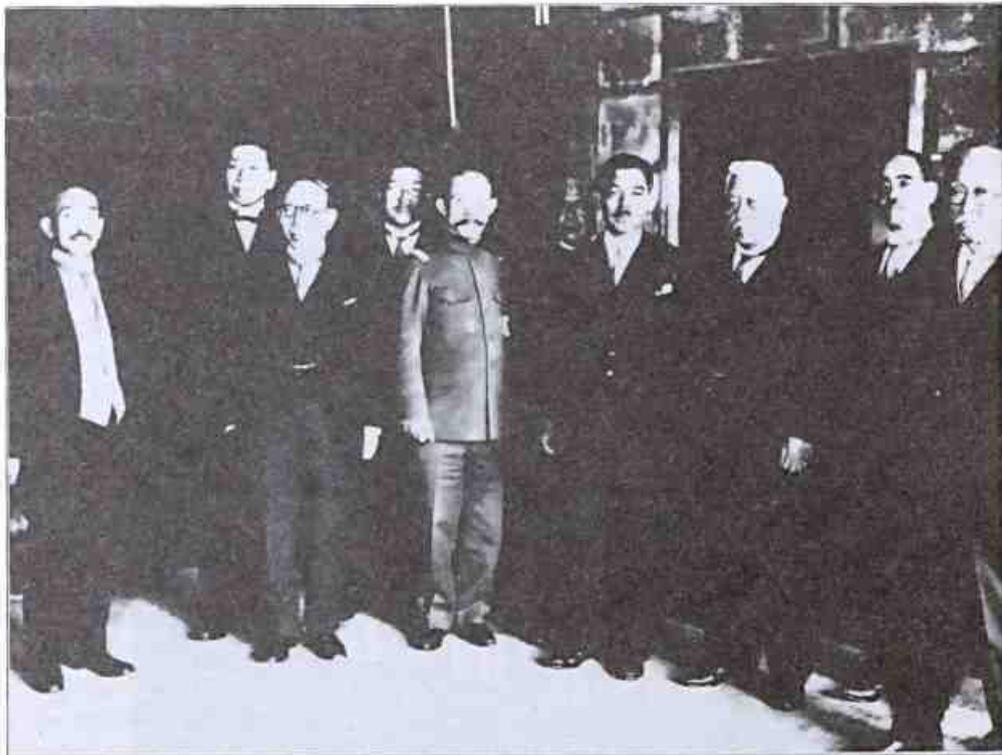
*

**Sem esse ato de lealdade,
a insurreição Meiji teria
vida breve, e o Japão
não teria sido capaz de
exercer tão rapidamente
um papel ativo no cenário
mundial, após emergir de
seu isolamento**

O JAPÃO INDUSTRIALIZA-SE



Fábrica textil no norte de Tóquio, construída em 1872, segundo modelo europeu. Vêm capatazes europeus que dão instruções a japoneses sobre o trabalho fabril.



Desde a época Meiji, quando adotou uma forma de Estado moderna, a da monarquia constitucional, o Japão passou a ser governado por ministérios: aqui Yosuka Matsuokata, primeiro-ministro em 1891-92, e o seu gabinete

vam pedaços cada vez maiores do território chinês, e, também, dos Estados Unidos, que emergiam no cenário mundial e queriam, do mesmo modo, participar do butim.

*
* *

O fim da década de sessenta, início da de setenta, apresenta um fato insólito para europeus e americanos.

Inúmeros estudantes japoneses viajam para o exterior com bolsas de estudo. Pulum nas salas das universidades, nos seus laboratórios, aqueles homens de pele amarelada, de baixa estatura e quase sempre usando óculos. Frequentam seminários, institutos técnico-científicos e buscam o saber com sofreguidão, pois havia muita pressa

em aprender e levar os novos conhecimentos para Nipon – a terra do sol nascente. Só um povo altamente dotado, que parecia haver acumulado, por séculos, essa vontade de aprender e que cultuava, acima de tudo, o amor por sua terra e seu imperador, teria a capacidade de, em tão pouco tempo, trazer seu país da Idade Média para o Primeiro Mundo industrializado.

“**No ano de 1870** – só uma geração depois da primeira linha de estrada de ferro alemã – nasce a estrada de ferro Tóquio-Yokoama. **Em 1871**, surge um novo sistema postal segundo o modelo alemão. O Japão é cruzado em todas as direções por linhas telegráficas. (...) Em breve *marius** – navios comerciais – fazem uma aparição em todos os portos da Terra. (...) Procuram-se

* N.A.: Maru decorre da palavra japonesa *maru* que significa círculo. O navio suspendia de um porto japonês e a ele retornava.

carvão e minérios e constroem-se altos-fornos, fábricas e gigantescas oficinas.²³

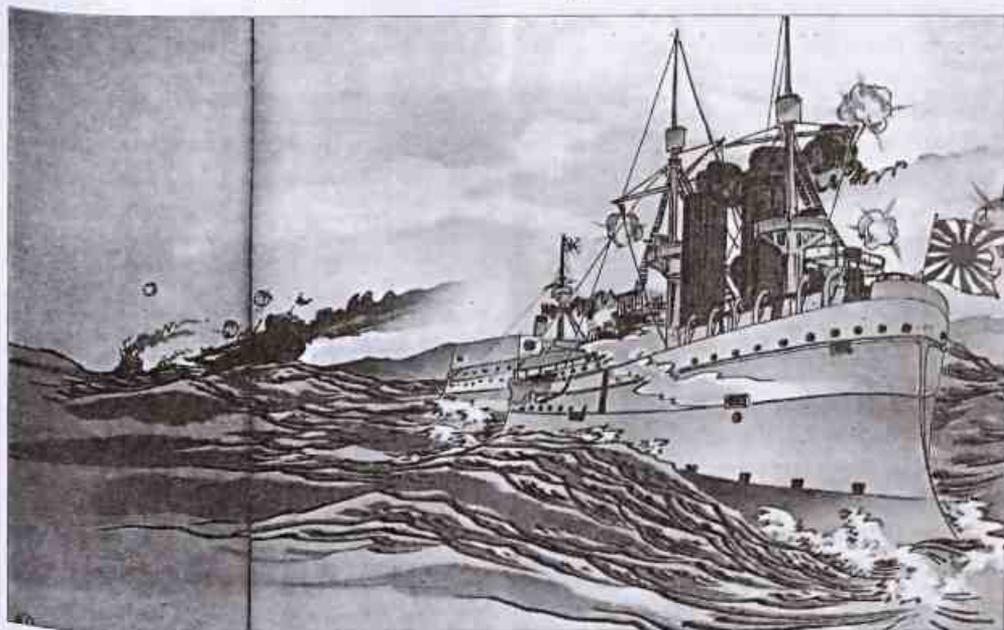
Porém, essa abertura para o mundo na busca do saber causa problemas em uma sociedade estratificada, que entra em um período de instabilidade, com as mudanças de posição entre as classes sociais. Vale agora a capacidade de aprender e não os privilégios herdados.

Surgem alguns focos de insurreição e desordem.

O levante de Satsuma, em 1877, chefiado por um general que havia composto o grupo que levou o imperador para Tóquio, foi o mais sério. Porém, o povo não aceitava

mais o saudosismo medieval anacrônico. O general é derrotado. "As tropas imperiais estabelecem a tranqüilidade após duros combates e a insurreição termina com o *haraquiri* voluntário dos chefes e dos numerosos *samurais*."²⁴ Nada mais impediria a caminhada de Meiji para o século XX.

O espírito europeu entrara no Japão. O investimento em Marinha e Exército modernos não se constituía em mero capricho. O capital fora empregado para obter retorno, que viria da China, que desde 1592, (quando o Príncipe Hideyoshi enviou seus exércitos à Coréia, onde foram derrotados), esquecera-se do "anão do mar Oriental".



Batalha Naval do Mar Amarelo, em 11 de setembro de 1894, entre modernas canhoneiras japonesas e juncos chineses de madeira

O EXPANSIONISMO JAPONÊS

O mentor intelectual do nascente expansionismo "foi o jovem reformador Sohjin Yoshida, que, juntamente com sua reivindicação da 'velha majestade imperial', estabeleceu também o objetivo de con-

quistar para o Japão um império militar e econômico".²⁵

O crescimento da população, que por séculos mantivera-se estável, passara a preocupar o imperador. A industrialização, que trouxera no bojo dos seus conhecimentos "a higiene moderna e as conquistas bacterioló-

gicas européias no combate às epidemias”, contribuiu para um crescimento populacional surpreendente. Em breve, o arquipélago não teria terras aráveis suficientes para sustentar a nação. A busca de “espaço vital” no exterior foi determinante poderoso, por necessário, para o expansionista japonês.

Os navios de guerra, japoneses, **ao final da década de 70**, começam a aparecer nas costas da Coreia – então velho protetorado chinês. São recebidos pelo fogo de velhos canhões de bronze. O Japão apresenta seus protestos à corte de Pequim, que os recebe sem a devida importância e instrui os japoneses a entenderem-se com a autoridade competente, mas de nível inferior, na própria Coreia. Era o que o Japão aguardava. Se a China não podia proteger a Coreia, o Japão o faria. Falaram mais alto os canhões de seus navios. O mandarim chinês é substituído por um general japonês, que leva centenas de instrutores e agentes para “ajudar” os coreanos contra os chineses. A Coreia começava a ser integrada à esfera de influência do “Império do Sol Nascente”. A conquista da Ilha de Formosa (Taiwan) e a dos Pescadores* ocorre **entre 1874 e 1877**.

Em 1879 são anexadas as ilhas setentrionais do arquipélago do Runkiu.**

Em 2 de novembro de 1890, reúne-se o primeiro parlamento imperial do Japão, que buscava politicamente os modelos europeus de governo: uma monarquia parlamentarista. A diferença ocorria em ser seu imperador de origem divina. “O número de habitantes com direito a voto sobe, mediante modifica-

ções na Constituição, de 500 mil para 1,2 milhão, e até 1926 chega a 12,5 milhão.”²⁶

A guerra com a China

Os distúrbios começaram a ocorrer na Coreia. Um general japonês é morto e a rainha é assassinada no palácio real de Seul por jovens exaltados. A China desloca tropas para a Coreia do Norte para restabelecer a ordem. O Japão, que se havia automeado protetor da Coreia, encontra o pretexto para intervir militarmente. Os chineses são expulsos, surpreendidos por um exército que operava formado e adestrado segundo a precisão prussiana. No seu avanço, **em 1894**, o Rio Yalu, na fronteira com a China, é atingido. O Japão havia testado seu poder militar.

Chegara o momento de concretizar as ambições fruto do sucesso.

“Enquanto país relativamente pequeno, um grupo de ilhas próximo à China, o Japão não podia ficar calmamente observando a

Grã-Bretanha consolidar seus enclaves ao longo da costa chinesa, a França mover-se dentro da Cochinchina e do Camboja e a Rússia anexar parte da Manchúria chinesa, sem temer por sua própria integridade. A melhor defesa era o ataque...”²⁷

O Imperador Meiji decidiu: o Japão “seria a potência dirigente da Ásia Oriental, a Inglaterra do Oriente”.²⁸

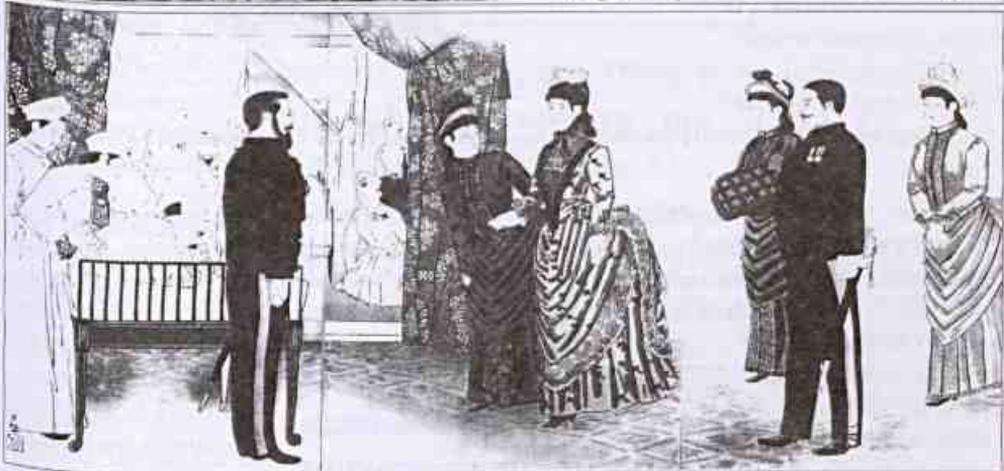
Comandados pelo próprio Meiji, os japoneses desembarcam um segundo exército na Península de Liaotung.*** Conquista praticamente sem combate os importantes

A inteligência para o aprendizado foi o fator que passou a diferenciar os membros da sociedade

* N.A.: Pescadores – arquipélago chinês no Estreito de Formosa.

** N.A.: Rukiu – arquipélago ao sul das Ilhas de Kyushu, cuja ilha principal e mais ao sul é Okinawa, no Mar da China Oriental.

*** N.A.: Liaotung – península chinesa entre o Golfo de Chli e a Baía da Coreia, onde se encontram La-Shun (Port Arthur) e Ta-lien (Darien).



Na assinatura da Paz de Shimonoseki, em que intervieram a Alemanha, a França e a Rússia, o Japão obteve Formosa da China vencida

Durante a guerra sino-japonesa (1894-95), a imperatriz do Japão visita um hospital militar.

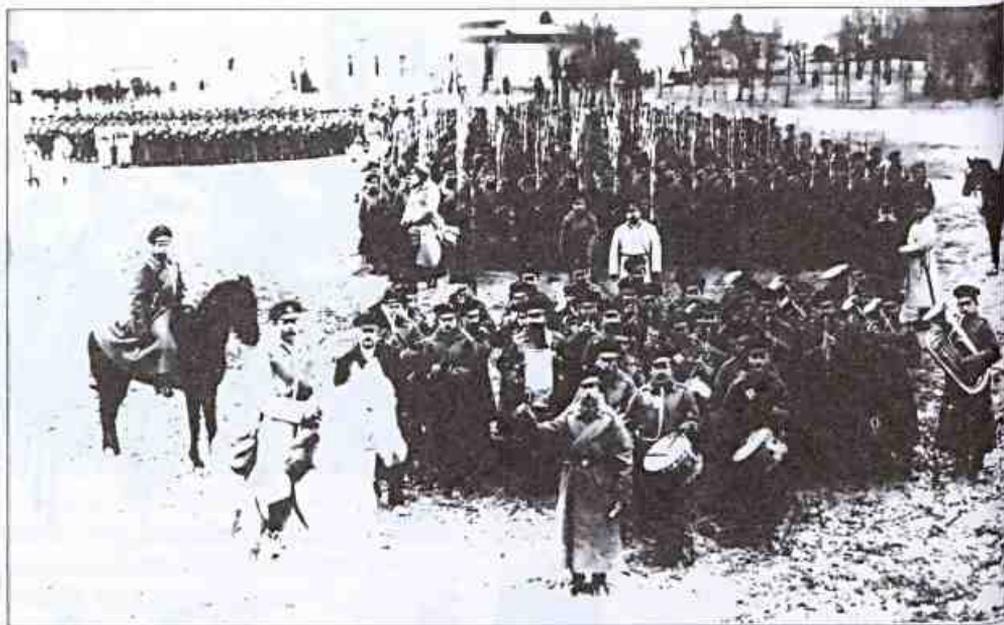
portos de Port Arthur e Darien. Uma esquadra moderna afunda em frente a Weilai (península de Shantung, banhada pela Baía da Coreia e pelo Mar Amarelo) a arcaica armada de juncos chineses.

O outrora poderoso "Império do Meio", o maior em todo o planeta, sucumbe ante um poder militar, com armas e formação inglesa e germânica, erguido em cerca de 20 anos. Algo espantoso!

A China humilhada pede a paz (1895).

"A Coreia transformou-se virtualmente em protetorado japonês, Taiwan tornou-se japonesa e o Japão moveu-se para a parte sudeste da Manchúria, conhecida como Península de Kwangtung. A emergência do Japão como potência em ascensão no Oriente foi tão dramática que, profundamente alarmadas, França, Alemanha e Rússia* se uniram numa 'tríplice intervenção' para pressionar o Japão a ser menos

* N.A.: A Grã-Bretanha recusou-se a participar da "tríplice intervenção" por suspeitar profundamente da Rússia.



Regimento russo pronto para marchar para o cenário da guerra na Manchúria (1904-05)

ambicioso. O Imperador Meiji relutantemente cedeu – a guerra havia deixado o Japão financeiramente exaurido –, mas a lembrança desse comportamento ‘colonialista’ e a suspeita de que o Ocidente sempre tentaria impedir o Japão de obter suas justas recompensas iriam inflamar-se no inconsciente coletivo dos japoneses durante gerações”.

“À mesa de negociações em Shimonoseki, os negociadores chineses e japoneses sentaram-se diante dos representantes de Inglaterra, França, Alemanha e Rússia. E nenhuma das quatro potências desejava que o Japão se tornasse exageradamente forte. Desse modo, só é confirmada a independência da Coreia, en-

quanto a península de Liaotung e a base de Weihai” têm que ser devolvidas. Só a Ilha de Formosa permanece nas mãos do Japão. Durante essas conversações, a Rússia as-

segura-se da autorização chinesa para construir sua linha férrea transiberiana através de território chinês e manchú: uma lança cuja ponta visa o Japão.”³⁰

Os chineses, fracos e derrotados, tiveram que aceitar a exigência russa.

Em 1901 a transiberiana está em sua metade. Em breve tropas, colonos e equipamentos russos são destinados ao Oriente. Uma

grande preocupação para o Japão. Mas, não só para o Japão. A presença russa como potência marítima no Oriente é idéia

A China, por ser a terra continental mais próxima, foi a que primeiro atraiu a visita de japoneses qualificados. Lá aprenderam muito. Aprenderam, sobretudo, como não deveria ser o Japão

* N.A.: Weihai – base localizada a noroeste da Península de Shantung do lado oposto a entrada da Baía da Korea.

inimaginável para os britânicos. Rússia e Inglaterra disputam há quase cem anos espaços políticos, com a ameaça pelos russos "da hegemonia britânica na Índia através do estado tampão do Afeganistão."

A guerra russo-japonesa

O tzar de todas as Rússias, Nicolau II, era um inapto. Ele e a grande maioria dos seus conselheiros. O vírus da revolução já se havia inoculado no povo russo e líderes revolucionários conspiravam contra o regime. A

política interna do tzar valia-se de sua polícia secreta, que agia contra qualquer pessoa sobre a qual se levantasse ou que possuísse qualquer aparência suspeita. Seus cossacos estavam sempre prontos a esmagar qualquer movimento de protesto. Nicolau vivia, insensível às agruras do seu povo, em outro

mundo, no seu nirvana em Tsarkoia Selo,* ao lado de sua querida família.

A fome se instalara no campo e nas cidades. O governo, em resposta aos protestos crescentes, torna-se a cada dia mais sanguinário. Não lhe ocorria e a seus ministros qualquer idéia para enfrentar os gravíssimos problemas.

Concluam por fim que a alternativa seria a guerra. Porém, esta não poderia ocorrer na Europa. Por que não no Extremo Oriente, contra o Japão, que havia saído do seu isolamento após a vitória sobre a Chi-

na e a assinatura da paz, em 17 de abril de 1895, em Simonoseki? A guerra distrairia a plebe e a fácil vitória contra o Japão determinaria prestígio e admiração para o tzar Nicolau II. Esse foi o cerne do pensamento político do governo tzarista - exceção do responsável ministro da Guerra, o General Alexei Kuropatkin, que, embora contrário à guerra, exonerou-se do cargo de ministro para lutar contra os japoneses.

A Rússia pressionou o Japão, que não desejava a guerra e preferia soluções negociadas, com a divisão de áreas de influência.

No seu avanço, em 1894, o Rio Yalú, na fronteira com a China é atingindo. O Japão havia testado seu poder militar. Chegara o momento de concretizar as ambições fruto do sucesso

Em razão das evidentes intenções russas, Inglaterra e Japão, em 30 de janeiro de 1902, concluíram uma aliança militar na qual garantiam a independência da China e se comprometiam a ajudar-se mutuamente em caso de ataques de terceiros.

A ameaça russa ao Japão através da

Manchúria foi o principal motivo para a assinatura do Tratado Anglo-Japonês, considerado por Meiji sua grande realização.

Com a construção da transiberiana, "de um momento para outro a Manchúria havia se transformado numa região de enorme importância estratégica, e os russos, três anos após, forçaram o Imperador Meiji para fora da Península de Kwangtung," ali se instalaram, alugando enclaves, inclusive em Port Arthur,** e construíram uma via férrea de Port Arthur até Harbin,*** no coração da Manchúria. Gradativamente, toda a

* N.A.: Residência de verão do tzar, próxima de São Petesburgo.

** N.A.: Kwangtung - península chinesa ao sul da China, banhada pelo Mar da China. Nela encontram-se Macau e Hong-Kong.

*** N.A.: Port Arthur - base naval russa no interior do Mar Amarelo a oeste da Baía da Korea.

**** N.A.: Harbin - cidade entroncamento ferroviário onde a Transiberiana se bifurca para Port Arthur e Korea.

Manchúria foi incluída na esfera de influência russa".³²

O Imperador Meiji, embora conciliador, não se vergaria ante o colosso russo; estava disposto a contestar a presença naval e terrestre tzarista no Extremo Oriente, real ameaça à terra de Yamato. Julgava poder enfrentar aquela grande potência, confiante em sua Marinha e seu Exército, que lutariam até à morte por seu imperador.

A tensão cresceu entre os dois países e a guerra tornou-se inevitável.

O mundo, no entanto, não acreditava na hipótese de uma vitória japonesa. No próprio Japão, entre os políticos, havia dúvidas. Meiji, precavido, assegurou-se de que os Estados Unidos da América impediriam, em caso de derrota, a invasão do Japão.

O Japão cortou relações diplomáticas com a Rússia em 5 de fevereiro de 1904.

Contudo os nipônicos só declararam formalmente a guerra a 10 de fevereiro.

Porém, no dia 8 a Marinha japonesa atacou a frota russa do Extremo Oriente baseada em Port Arthur, apanhada totalmente de surpresa. As torpedeiras japonesas entraram em Port Arthur e infligiram pesadas perdas à esquadra russa, completamente despreparada para o combate. Em seguida, minaram a saída do porto e encurralaram os navios russos que ainda representavam respeitável poder naval.

"O comandante russo da Manchúria, Almirante Alekseiev, de quem dependia o co-

mando terrestre e marítimo, não levou os japoneses a sério e tampouco teve nervos para aguardar os reforços a caminho. Começou por enviar telegrama após telegrama para Port Arthur, bloqueada pelo Almirante Togo, intimando a frota russa a evadir-se. Ao tentarem romper o bloqueio dos japoneses, os couraçados russos penetraram nos campos minados e ficaram à mercê das torpedeiras. A frota russa baseada em Port Arthur afunda."³³

A Marinha japonesa não se contentou com a vitória. Perseguiu a esquadra russa sediada em Vladivostok e engajou-se com ela nas proximidades de Tsushima, em 14 de agosto de 1904, infligindo aos russos novas e pesadas perdas."³⁴

O ataque inesperado do Almirante Togo "foi uma pré-encenação de Pearl Harbour: na tradição dos samurais tudo é válido na guerra, e atacar o inimigo de surpresa, sem qualquer aviso

não era meramente aceitável, mas fazia parte das cruéis regras do jogo japonês".³⁴

A ação de Togo é enaltecida no Ocidente, principalmente na Inglaterra. O jornal *The Times* escreveu: "A Marinha japonesa iniciou a guerra com um ato de ousadia que se destina a ocupar lugar de honra na história naval".^{34A}

Diferentes foram as apreciações das democracias ocidentais após Pearl Harbour. A palavra ousadia fora substituída por traição e infâmia.

**Nogi observava por
binóculo quando seus dois
filhos foram à batalha,
brandindo suas espadas de
samurais acima das tropas.
Ambos foram mortos e
Nogi, fanaticamente
devotado ao Imperador,
anunciou que pretendia
cometer suicídio**

* N.A.: Vladivostok - Base naval e porto russo no extremo oriente banhado pelo Mar do Japão terminal da estrada de ferro Transiberiana.

** N.A.: Não confundir esse encontro menor com a célebre Batalha de Tsushima contra os russos.



Almirante Togo em Tsushima (Foto: USNIP)

"Era vital para o Imperador Meiji subjugar a guarnição russa em Port Arthur antes que os reforços chegassem. O General Nogi, o favorito de Meiji, conclamou seus soldados a estarem prontos a morrer pelo imperador, (...). Durante cinco meses, ondas sucessivas da infantaria japonesa tentaram romper as defesas russas. Nogi observava por binóculo quando seus dois filhos foram à batalha, brandindo suas espadas de samurais acima das tropas. Ambos foram mortos e Nogi, fanaticamente

devotado ao Imperador, anunciou que pretendia cometer suicídio. Meiji o proibiu: 'Enquanto eu viver você também deve permanecer vivo'.¹³⁵ E assim aconteceria.

*
* *

Nicolau II avaliou mal o ocorrido em Port Arthur, onde sua esquadra fora destroçada e seu Exército, heroicamente, sustentava o cerco japonês imposto pelo General Nogi e

o general Hideki Tojo, chefe das Forças Armadas e do movimento nacional genyosha, cujo gabinete substituiu o do governo Konoye em princípios de 1941 e Yamamoto (direita), comandante da Marinha japonesa. (Fotos: Pequena História das Grandes Nações – Japão e American Heritage)



Judge

seu fanático 3º Exército. Nada mais havia a fazer. Em termos logísticos, os japoneses combatiam próximo às suas bases e os exércitos russos sitiados muito distantes, do outro lado do mundo.

A sabedoria política impunha que a paz devesse ser negociada. Haveria tempo para discuti-la enquanto o baluarte de Port Arthur se mantivesse controlado pelos russos.

Capitulária somente em 2 de fevereiro de 1905.

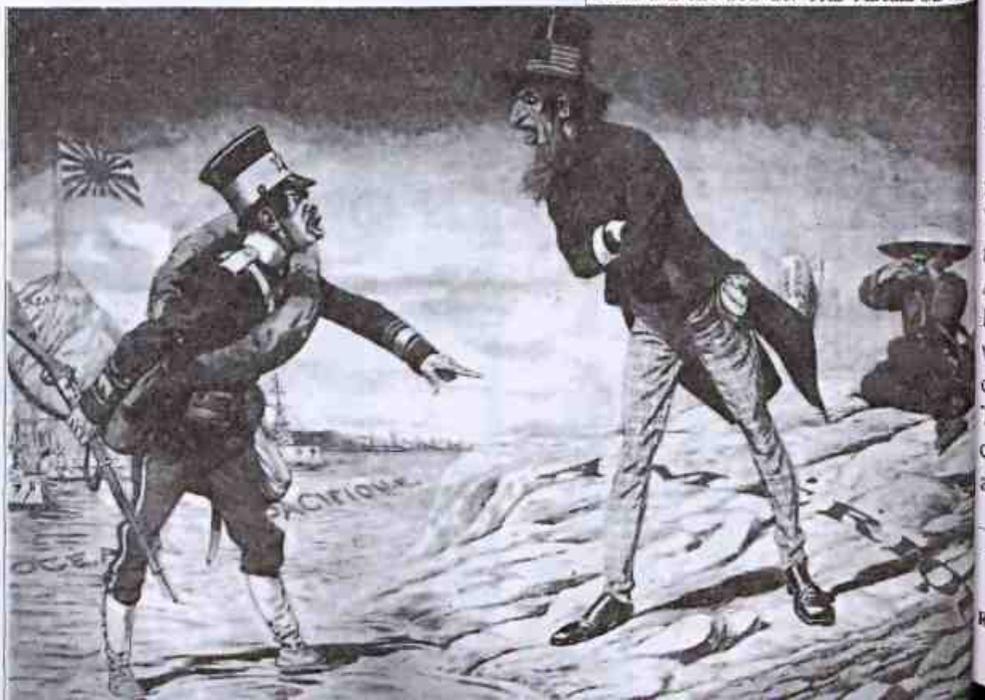
Todavia, a paz não estava nos pensamentos do czar, que deveria vencer os japoneses para angariar o respeito dos seus súditos. Como se àquela altura fosse possível atrair qualquer simpatia do povo russo. E, ante o olhar atônito das potências marítimas, determinou que a Esquadra do Báltico, agora Segundo Esquadrão do Pacífico, suspendesse, contornasse o mundo e navegasse 18.000 milhas para derrotar o Almirante Togo.

Caricaturas americanas – A Marinha e o Exército dos Estados Unidos vigiam os japoneses (foto superior).

Os primeiros conflitos entre o Japão e os Estados Unidos



KEEPING AN EYE ON THE PEACEFUL LIFE



O comando coube ao infelizmente Almirante Rozhstvensky, que recebeu o que se poderia chamar de missão impossível e que teve seu epílogo na fragorosa derrota perante a Marinha do Japão na histórica batalha naval de Tsushima,* em 27 e 28 de março de 1905.

Este acontecimento constituiu-se em fator predominante na seqüência de fatos que culminaram na Revolução de Outubro de 1917.

O Almirante Togo e o General Nogi tornaram-se personagens da imprensa mundial. *The Times*, edição de 7 de junho de 1905, teve páginas laudatórias à vitória japonesa: "A atitude do povo japonês diante deste triunfo que marcará época é uma visão para homens e deuses". Os elogios continuavam: "Nenhum clamor barulhento e vulgar, nenhuma autopromoção, nada de escárnio contra o inimigo vencido, mas um profundo agradecimento, uma tranquila satisfação e mais uma vez a atribuição da vitória às ilustres virtudes do imperador do Japão".³⁶

A Guerra Russo-Japonesa marcou profundamente um jovem oficial, Isoruku Yamamoto, embarcado no *Nisshin*, um dos navios sob o comando do Almirante Togo. Anos mais tarde, Yamamoto, idealizador de Pearl Harbour, iria utilizar-se do que observara em Togo: "suas experiências iniciais como discípulo e admirador do Almirante Togo fizeram-no tomar consciência da necessidade da surpresa nas batalhas e dos armamentos ultra-refinados - os novos

barcos-torpedo (torpedeiras) japoneses haviam desempenhado um papel decisivo na derrota russa".³⁷

Porém, as vantagens obtidas pelo Japão, após a vitória brilhante e incontestável, ficaram muito longe do almejado.

A Inglaterra e, já fazendo parte da arena política internacional, os Estados Unidos da América impediram as ambições japonesas. O *Tratado de Portsmouth*, que concluiu a paz entre russos e japoneses, se por um lado não atendeu o esperado, por outro lado, deu ao Japão o *status* de grande potência e o

cacife para lutar por seus interesses na Ásia Oriental. Coube ao Japão Port Arthur e adjacências e a parte sul da Ilha de Sacalina. A Coreia tornou-se um protetorado, mas não uma colônia japonesa.

A Manchúria retorna à China e a estrada de ferro do sul da Manchúria, administrada pela recém-criada Companhia Ferroviária

Sul da Manchúria - chinesa *de jure*, mas *de facto* japonesa - tornar-se-ia "uma corporação tentacular de indústria e comércio nos moldes da antiga Companhia Britânica das Índias Orientais, protegida por uma força permanente de soldados japoneses estacionados na Manchúria, conhecida como o Exército de Kwangtung".³⁸

A Companhia Ferroviária "tornara-se um agente político e militar em solo chinês".³⁹

Com a mudança de posição no contexto mundial, o Japão cedo aprendeu que entrara em novo patamar da esfera de poder, onde predomina "um duríssimo sistema imperialista e capitalista. Para vencer nesse mundo do

A conseqüência deste estado de espírito foi a do japonês começar a considerar-se uma raça superior e, assim, atribuir-se 'missão civilizadora' no restante da Ásia

* N.A.: Tsushima - ilha situada no meio do estreito entre a Coreia e o Japão.

poder e do dinheiro, uma jovem grande potência teria que se manter armada, vigilante e economicamente forte. O Japão se empenha em ampliar sua indústria. Em breve deixa de haver qualquer terreno econômico em que o Japão não faça concorrência às velhas potências".⁴⁰

Essa teria sido para as "potências" uma preocupação real. Os produtos japoneses, com menores preços, ganhavam mercados, isto é, atingiam os ganhos comerciais das "potências".

E, tal fato era deveras inquietante.

A vitória na Guerra Russo-Japonesa teve enorme influência em outro campo, esse abstrato, a alma, a psique nacional.

"As qualidades *bushido* de seu Exército e sua Marinha, as histórias de legendário heroísmo em face de dificuldades esmagadoras, eram contadas e recontadas na imprensa e nos livros de história do Japão; um novo orgulho e autoconfiança, e acima de tudo a imagem do próprio Imperador Meiji como um comandante divino, influenciaram japoneses de todos os níveis."⁴¹

A conseqüência deste estado de espírito foi a do japonês começar a considerar-se uma raça superior e, assim, atribuir-se 'missão civilizadora' no restante da Ásia.

Hiroito e seus colegas de colégio veneravam os vitoriosos generais e almirantes do imperador, que de vez em quando podiam ver de perto. Dado ao clima chauvinista provocado pela guerra e seu desfecho, talvez fosse inevitável que eles também crescessem acreditando que o Japão não apenas tinha um papel especial a desempenhar, mas era o único país qualificado a liderar o mundo asiático, devido à capacidade superior de suas Forças Armadas."⁴²
E da raça japonesa.

Os Estados Unidos da América, também potência no Pacífico, e regidos pela doutrina do "Destino Manifesto", passaram a observar e monitorar o Japão. A gravura da publicação *Judge*, datada de 3 de agosto de 1907, com o título "Keeping an eye on the peaceful little Jap",⁴³ dispensa comentários elaborados.

No ano de 1910, "os americanos propõem neutralizar e sanear as estradas de ferro da Manchúria, mas o Japão percebe que isso significaria a entrega da economia manchu ao capitalismo americano e recusa a proposta".⁴³

*
* *

HIROITO*

Em 29 de abril de 1901 nasceu Hiroito. "Era um menino solitário e introspectivo, sem nenhum dos confortos habituais da vida em família. Era tratado como alguém distante, rodeado de adultos, sacerdotes e cortesãos que lhe inculcavam a idéia de que - na condição de 'deus vivo' - era diferente de todos.

* N.A.: O livro *Hiroito, por trás do mito*, escrito por Edward Behr, parte da bibliografia do presente trabalho, procura mostrar, baseado em uma série de fatos históricos, que Hiroito estivera a par e mesmo participara de todas as grandes decisões que antecederam e desencadearam Pearl Harbour e naturalmente, daquelas tomadas durante a guerra. Advoga a causa de que o imperador deveria ter sido condenado à morte pelo Tribunal Militar que julgou os criminosos de guerra japoneses. Tal não ocorreu graças à notável visão política do General Douglas McArthur, então comandante supremo das Forças Aliadas no Pacífico, com a responsabilidade de governar o Japão.

Com a idade de apenas 70 dias, Hiroito foi separado de sua mãe e criado por uma série de amas-de-leite na casa de um almirante reformado, o Conde Kawamura, com 70 anos na época. Era um conservador e além disso estava determinado a conferir

ao futuro imperador um "espírito intrépido que suportasse todas as adversidades e a erradicar vestígios de arrogância e egoísmo".⁴⁵

Hiroito raramente recebia qualquer afeição do avô. As vezes um sorriso. Do pai, o príncipe imperial Yoshihito, futuro Imperador Taisho, nenhuma.

"O que Hiroito presenciou dos costumes da corte deixou-lhe marcas indelévels: as bebedeiras eram comuns e Hiroito muito cedo tornou-se abstinente. Tanto o Imperador Meiji quanto seu pai eram promíscuos; Hiroito, desde a adolescência, foi sério, monogâmico e puritano."⁴⁶

Hiroito foi o primeiro imperador japonês, desde 1758, que não fora filho de uma concubina imperial.

Com a morte do Conde Kawamura, o General Nogi, herói de guerra, a quem o Imperador Meiji demonstrava grande apreço, assumiu a responsabilidade pela formação do príncipe

imperial. Foi o verdadeiro pai (e mãe) de Hiroito. "Nomeado diretor da Escola dos Nobres, tornou-se, para todos os efeitos, tutor de Hiroito. Nogi não apenas simbolizava as virtudes do samurai tradicional, mas possuía uma qualidade rara no Japão: era um soldado e também um

intelectual, um exímio calígrafo, especialista em bonsai (árvores miniaturas) e um moralista.

Foi Nogi quem instilou no jovem Hiroito a idéia de que não havia nada - fraqueza física, falta de habilidade ou má coordenação - que não pudesse ser superado com exercícios e força de vontade."⁴⁷

"Em 1911, o imperador escolheu Nogi para representá-lo na posse do Rei Jorge V - o que era em si mesmo uma prova de sua relação 'familiar' com Meiji."⁴⁸ O general ficou ausente por muitos meses.

O Imperador Meiji veio a falecer, vítima de câncer, em 29 de julho de 1912, aos 59 anos.

"Na véspera do enterro, Hiroito foi chamado ao gabinete do General Nogi, na Escola dos Nobres: 'Não estou descontente com seus progressos enquanto estive fora', disse, 'mas quero lhe pedir que se



O Príncipe Okuna (1838-1922), um influente político antes e durante a Primeira Guerra Mundial

dedique mais aos estudos. Você é agora o príncipe imperial, o mais jovem oficial do Exército e da Marinha e o futuro comandante do país. Rogo-lhe que cumpra seus deveres militares e cuide de sua saúde, não importa o quanto esteja ocupado. Por favor, lembre-se de que minha presença física não é necessária para que eu esteja junto a você em seu trabalho. Sempre o estarei observando, e seu bem-estar será minha preocupação constante. Trabalhe duro, para o seu bem-estar e o do Japão".⁴⁹

"Na manhã seguinte, enquanto os canhões saudavam o imperador morto, o General Nogi e sua mulher tomaram banho, vestiram-se com quimonos brancos e solenemente se ajoelharam diante de um retrato autografado do Imperador Meiji. A Condessa Nogi morreu primeiro, cortando sua garganta com um punhal afiadíssimo. Nogi, então, cometeu o ritual do *seppuku*, enfiando nas entranhas uma espada

curta, também muito afiada. Em uma nota, ele conclamou todos os japoneses patriotas a se conduzirem de acordo com as antigas virtudes japonesas e a condenarem o *laissez-faire* moral. Ele cumprira a promessa feita ao Imperador Meiji no campo de batalha, após a morte de seus dois filhos, de uma maneira que lhe garantiu um lugar na história."⁵⁰

Em 1915 a imagem do 'pequeno e galante Japão' aos olhos americanos começou a ser substituída pela percepção do Japão como um país ameaçador e predatório

*
* *

Com a morte de Meiji, sobe ao trono seu filho Yoshihito. De saúde debilitada e dado a libertinagem, exerce pouca influência política no governo, o que facilita a evolução para uma monarquia parlamentarista. O poder vai passando, pouco a pouco, para grupos políticos e militares.

A Primeira Guerra Mundial

Taisho,* nome escolhido por Yoshihito, embora com pouca influência na condução da política nacional, era pró-germânico. Desconhecia a opinião do Kaiser Guilherme II sobre o "perigo amarelo". Foi de certa maneira fácil para seus conselheiros mudarem sua opinião e fazer o Japão alinhar-se a Grã-Bretanha, França e Rússia. Essa seria a melhor maneira de servir aos interesses japoneses.

Ao declarar a guerra, o Japão "aproveitou a oportunidade para ocupar as colônias alemãs em território chinês, Tietsin** e Kiasien****, sem esperar a aprovação dos aliados. "Dessa forma as tropas japonesas chegam à península de Kuantung****".⁵¹

Se a contribuição japonesa ao esforço de guerra foi pequena - "a Marinha japo-

* N.A.: Taisho, que significa "grande justiça", foi o nome escolhido por Yoshihito para ser conhecido após a sua morte.

** N.A.: Tietsin - cidade portuária, colônia alemã, no Golfo de Chihai ao sul de Pequim.

*** N.A.: Kiasieu -

**** N.A.: Kuantung -

nesa patrulhou o Mediterrâneo, 'protegeu' Hong Kong e a concessão britânica de Xangai",⁵² - sua cobrança pela participação na guerra foi descabida. "As 'vinte e uma exigências' japonesas enviadas ao novo presidente chinês, Yuan Shi-Kai, em 1915, significavam, na prática, o domínio sobre grande parte do território chinês. Além de maiores concessões territoriais em Xantung* e na Manchúria, em arrendamentos de 99 anos, o Japão exigia que a China formalmente promettesse negar qualquer concessão às outras potências; além de recorrer ao Japão para o desenvolvimento da Manchúria e Tsingtao**, a China deveria ter o país como banqueiro exclusivo para quaisquer empréstimos futuros. Outro conjunto de exigências requeria que Pequim usasse assessores técnicos japoneses em seus projetos industriais e bélicos, além da garantia ao Japão do monopólio na construção de ferrovias e a compra de 50% de seus fornecimentos militares no Japão."⁵³ Yuan Shi-Kai, sem poder militar, foi obrigado a aceitá-las.

Hiroito, então com 15 anos, foi colocado a par das "vinte e uma exigências", doutras que foram com o argumento de "que o Japão estava destinado histórica e geograficamente a ocupar o papel de 'grande irmão' da China".⁵⁴

Com a paz determinada pelo Tratado de Versailles, em razão, principalmente, das pressões britânica e americana, todas as cláusulas das "vinte e uma exigências" foram retiradas, exceção às de Tsingtao e da Manchúria.⁵⁵ "O Japão recebe direito de mandato sobre as antigas colônias alemãs do Pacífico, ao norte do Equador. Mas ao exigir que constasse no bojo do Tratado o reconhecimento da igualdade das ra-

ças, é abruptamente interrompido por seus aliados."⁵⁵

Apesar do corte de suas pretensões em relação à China, o Japão ampliara seu *status* de potência e marcara posição em relação às suas ambições na China.

Os Estados Unidos, desde a vitória japonesa sobre a Rússia, passaram a observar com cuidado o Japão; "em 1915 a imagem do 'pequeno e galante Japão' aos olhos americanos começou a ser substituída pela percepção do Japão como um país ameaçador e predatório".⁵⁶

O militarismo japonês, alimentado pelo sucesso da Guerra Russo-Japonesa, estava em ascensão. Das "vinte e uma exigências", sem dúvida, a mais importante era a questão da Manchúria, onde os japoneses haviam tomado aos russos concessões consideradas insuficientes pelas correntes nacionalistas.

Hiroito tornou-se adulto cercado por aristocratas, em sua maioria oficiais do Exército e da Marinha, que pregavam o novo papel do Japão na Ásia, "onde a Manchúria era considerada um legítimo prêmio. Não apenas as concessões existentes, mas a província inteira".⁵⁷ As ambições sobre a Manchúria ganharam conotação especial após a Revolução de Outubro de 1917; agora, tratava-se da presença da Rússia comunista. Essa nova situação era insuportável para a aristocracia japonesa.

O noivado de Hiroito

As condições de saúde do Imperador Taisho deterioravam-se rapidamente. Hiroito, que passava da adolescência para a maturidade, viu-se obrigado a assumir as responsabilidades que deveriam caber ao seu pai. Seu casamento passou a ser cogita-

* N.A.: Xantung - província ao sul do Rio Hwang Ho estendendo-se até o Mar Amarelo.

** N.A.: Tsingtao - cidade portuária no Mar Amarelo ao sul de Weihai.

*** N.A.: A China viera também alinhar-se aos aliados na guerra contra a Alemanha.

do. "Teria sido impensável recusar as tentativas de casá-lo. (...) Os imperadores Meiji e Taisho haviam aceitado sem questionar os acordos matrimoniais feitos, conscientes de que eram vitais para a sobrevivência da dinastia."⁵⁶ Uma vez casados, não importava se o herdeiro fosse gerado da relação com uma de suas concubinas. Tal não ocorreu com Hiroito, por convicção monógamo.

A mãe de Hiroito, a Imperatriz Sadako, havia, ela própria, se casado com Taisho sem jamais tê-lo visto; mas era uma mulher equilibrada e 'moderna', e queria que seu filho tivesse, pelo menos, uma influência parcial na questão. A corte e os 'genros' (conselheiros reais próximos do imperador) elaboraram uma lista de moças adequadas e a imperatriz as convidou para cerimônias do chá, que Hiroito observava, escondido como Polônio, atrás de uma tapeçaria."⁵⁹

Havia belas adolescentes das famílias dominantes (Choshu, Satsuma e Fushimi). Hiroito, todavia, escolhe Nagako, "uma garota inteligente, mas nada formosa, que ele conhecia desde a infância. Tinha 14 anos e vinha de uma linhagem impecável, mas empobrecida. (...). O professor Sugiura, que ensinava ética a Hiroito e também lecionava na ala feminina na Escola de Nobres, onde Nagako estudava, a havia localizado como possível candidata e ficou encantado com a escolha do seu pupilo real. A imperatriz também ficou satisfeita, pois já começara a achar o velho 'genro' Yamagata cada vez mais dominador".⁶⁰ Yamagata contava que a futura imperatriz fosse Choshu, de seu clã. Cumprimentou o Príncipe Kuni, pai de Nagako, pela escolha de sua filha, mas imediatamente começou a trabalhar nos bastidores para que o compromisso fosse anulado.

"O suspense durou seis anos, e, nesse tempo, Nagako e Hiroito se encontraram apenas nove vezes. (...) Nagako foi removida da escola, submetida a exames médi-

cos rigorosos e colocada num pavilhão separado, na propriedade de seu pai, onde, com 17 tutores escolhidos e duas companheiras adolescentes, deveria permanecer até o casamento, sendo cuidadosamente preparada por eles e seu solícito pai para cumprir os deveres de futura imperatriz. Estudou inglês, francês e relações internacionais com professores especializados e recebeu cursos de história do Japão e suas relações com a Europa."⁶¹

Quatro anos após o anúncio do noivado, Yamagata, com 85 anos, elabora uma trama, a fim de desacreditar Nagako. O motivo, encontrado em publicações médicas, dizia respeito à hereditariedade do daltonismo. E havia casos de daltonismo na família Shimazu. "Se, por um lado, o daltonismo não pode ser considerado uma deficiência grave, mesmo para imperatrizes, era um ponto importante porque todos os homens da família imperial japonesa deveriam pertencer às Forças Armadas."⁶²

Yamagata procurou o Barão Nakamura-ministro da Casa Imperial, e o primeiro-ministro Hara, ambos da clã Choshu, e passou a pressionar diretamente o Príncipe Kuni, pai de Nagako. O pai de Kuni, o Príncipe Fushime, foi o escolhido para mensageiro. Afinal, Kuni devia respeito ao seu eminente pai. O "tiro saiu pela culatra". Kuni enfrenta o pai: "'Você vem da parte da imperatriz?' Eles querem anular o compromisso? Lembrando a seu pai que haviam sido a imperatriz e o próprio Hiroito que tinham escolhido sua filha, ele disse que competia a estes romperem o acerto; mas que, se o fizessem, seria uma tal afronta que ele mataria sua filha e a si mesmo."⁶³

Yamagata insistiu no seu intento. A luta nos bastidores acirra-se. O Professor Sugiura, um dos "descobridores" de Nagako, classificou de antiético o rompimento do noivado e também ameaçou cometer *seppuku*. Kuni escreveu carta ao im-

perador, “que chegou através do Barão de Nakamura – como toda a correspondência do imperador –, que antes de entregá-la remeteu uma cópia ao General Yamagata”.⁶⁴

Yamagata ousou até, através de intermediários, insinuar a Kuni que “se ele tomasse a decisão adequada não se lamentaria financeiramente”. Continuou pressionando o ministro da Casa Imperial para que “acelerasse os preparativos de uma longa viagem que Hiroito, como príncipe imperial, deveria fazer ao estrangeiro, para assim tirá-lo do seu caminho”.

Ocorreu que a temida Sociedade do Dragão Negro, que atuava no submundo, do mesmo modo que as associações ultranacionalistas,

“opunha-se a essa viagem de Hiroito ao exterior, porque o contato com hábitos diferentes poderia tornar ridículo o futuro imperador divino, e o Professor Sugiura, apesar de sua completa devoção à ética, tinha contatos estreitos com Toyama, o líder do Dragão Negro, que, embora do submundo, era um dos homens mais poderosos do Japão.

Em última instância, foi o submundo japonês que derrotou o clã Choshu e, assim, permitiu que Hiroito se casasse com a moça que escolhera.

Sugiura deu a Toyama um relatório detalhado da crise, e o líder do submundo

vibrou de indignação com o desrespeito do General Yamagata pelo imperador”.⁶⁵

O dia escolhido para as manifestações de rua foi o 11 de fevereiro – aniversário da fundação da dinastia imperial por Jimmu *tenno*, em 660 a.C., feriado nacional. “Homens de

Toyama distribuíram panfletos apoiando o noivado de Hiroito com Nagako; jovens musculosos desfilaram pelas ruas gritando: “Morte a Yamagata” e “Nakamura insulta o imperador”.

Nakamura foi à presença do Imperador Taisho e desculpou-se profundamente “por ter falhado em descobrir a tempo que havia casos de daltonismo na família da princesa Nagako”, e indagou: “Agora

que se tornou público qual é o desejo de Sua Majestade?” Já preparado por sua mulher, Taisho disse altivamente: “Sei que mesmo a ciência é falível”. A imperatriz fez um gesto impertinente para que Nakamura se erguesse e deixasse a sala. Naquela noite, o noivado foi confirmado oficialmente e Nakamura renunciou ao seu cargo.⁶⁷

*A viagem de Hiroito ao Reino Unido**

Hiroito deixou Yokoama a bordo do *Katori* em **3 de março de 1921**, escoltado pelo *Kajima*, com um séquito de assessor-



O Imperador Hirohito em 1926

* N.A.: Toyama agiu com extraordinária rapidez: passou a aprovar a viagem de Hiroito que deveria ocorrer o mais rápido possível.

res e oficiais da Marinha e do Exército. Nas despedidas encontravam-se seu futuro sogro, o Príncipe Kuni, e o Professor Sugiura, o arquiteto do noivado.

Pela primeira vez Hiroito sentiu certo sabor de liberdade, pois o protocolo, durante a viagem, era bem menos rígido.

“Na chegada a Spithead, o príncipe de Gales estava lá para saudá-lo e a Marinha Real realizou para ele uma exibição impressionante.

Hiroito ficou surpreso com a recepção de boas-vindas espontâneas que recebeu em Londres, e comentou: ‘Uma multidão tão grande sem controle policial’. Também o surpreendeu e agradou muito a cordialidade informal demonstrada pela família real britânica.

Era uma época de relações privilegiadas entre os dois países, e os laços entre as duas Marinhas ainda eram fortes.”⁶⁸

Guardou boas recordações dos dias passados na Escócia, caçando com o Duque de Atholl no Castelo de Blair. Admirou-se, ainda, ao saber que o duque e a duquesa utilizavam seu castelo apenas para ocasiões formais. Moravam, quase sem criados, numa casa de campo das redondezas. “Ficou ainda mais pasmo quando todos se reuniram nas festas típicas das *Highlands*, dançando com os duques em afetuosa familiaridade: ‘Ali estava a verda-

deira democracia sem distinção de classe’, disse Hiroito a um auxiliar.”⁶⁹

Passou mais uma semana na Inglaterra, em visita não oficial.

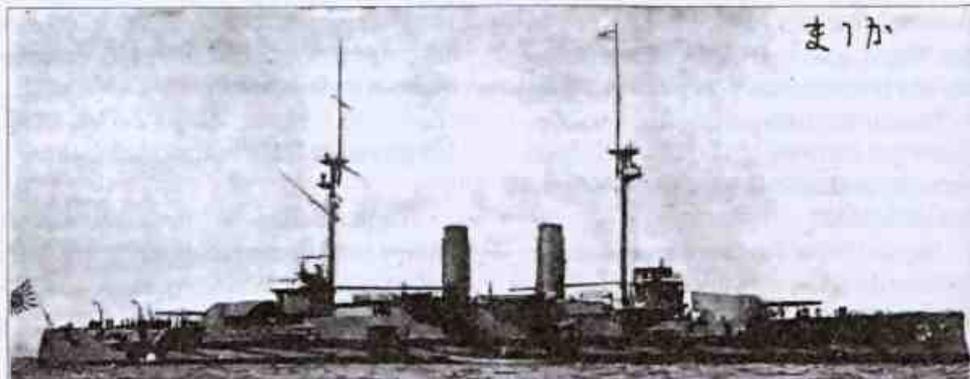
As conversas com o Rei Jorge V giraram em torno da Grande Guerra, quando Hiroito mostrava seus profundos conhecimentos de história militar. “A recente guerra era um dos poucos temas de interesse que ele e o Rei Jorge tinham em comum, mas o rei pode ter tido em mente outro propósito: o de lembrar a Hiroito as pesadas perdas sofridas pelos Aliados, deixando implícito o contraste com a contribuição desprezável dada pelo Japão.”⁷⁰

Da Inglaterra seguiu para a França em viagem não oficial, “mas do ponto de vista do protocolo foi tratado como um soberano em viagem oficial”. Cumpriu a série de visitas a que estão sujeitos os personagens ilustres em visita à capital francesa.

“Pela primeira vez em sua vida manuseou dinheiro e comprou um busto de Napoleão para colocá-lo ao lado de seus outros heróis, Lincoln e Darwin.”⁷¹

Concedeu uma entrevista exclusiva à *United Press*, quando elogiou “os nobres ideais e o patriotismo americanos” e manifestou seu desejo de visitar logo a América. “Sei a que ponto a liberdade e a justiça são valorizados na América,

Encouraçado *Kajima* (Foto: JFS 1914) (*Katori*, irmão)



e que seu povo não mede esforços pela causa da humanidade.” Disse, ainda, que “esperava que os Estados Unidos e o Japão fossem sempre vistos trabalhando juntos, não apenas para nosso benefício mútuo, mas para assegurar a paz duradoura em todo o mundo”.⁷²

“O Marechal Petain, o vitorioso de Verdun, levou-o ao local do inesquecível campo de batalha.”⁷³

Visitou a Bélgica (mais campos de batalha) e a Holanda. Deslocou-se, de trem, para Toulon. Na viagem de regresso, ao passar pela Itália e visitar Roma e o Vaticano, foi recebido em audiência pelo Papa Benedito XV.

Durante sua vida, Hiroito referiu-se a essa viagem com saudades e expressava-se como tendo sido “a época mais feliz de minha vida”.

“As multidões que o saudaram em seu regresso demonstraram que a viagem fora um sucesso de relações públicas, tanto na Europa quanto no país, chamando atenção para uma nação emergente e para o jovem futuro imperador, de quem se poderia esperar uma transformação nas relações entre o sistema imperial e o povo.”⁷³

Mas em seu retorno encontrou o Japão envolvido em crises. Seus dias de alegria descompromissada haviam terminado.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História do Japão /; Kimmel, Husband E. (Alte. USN) /; Pearl Harbour /; Segunda Guerra Mundial; Hiroito; Meiji; Insurreição Taiping; Guerra Russo-Japonesa; Guerra China-Japão;

A corrupção dos povos nasce da indulgência dos tribunais e da impunidade dos delitos.

Simon Bolivar

(Do discurso na Convenção de Oreaña em 29/2/1828)

BIBLIOGRAFIA

1. ZIERER, Otto. *Pequena história das grandes nações*. Japão. Círculo do Livro S.A., São Paulo, SP, 1976, p. 87. Tradução: Adriano Zilhão.
2. Ib.
3. Ib., p. 88.
4. Ib.
5. Ib.
6. Ib.
7. Ib., p. 90.
8. Ib., p. 91.
9. Ib.
10. ib., p. 92.
11. Ib., p. 94.
12. Ib., p. 95
13. Ib.
14. BEHR, Edward. *Hiroito, por trás da lenda*. Editora Globo S.A. São Paulo, SP, 1989, p. 34. Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves.
15. Ib.
16. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 95.
17. Ib.
18. BEHR, Edward. Op. cit., p. 32.
19. Ib., p. 33.
20. Ib.
21. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 96.
22. Ib.
23. Ib.
24. Ib., p. 97.
25. Ib., p. 98.
26. Ib.
27. BEHR, Edward. Op. cit., p. 34.
28. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 100.
29. BEHR, Edward. Op. cit., p. 35.
30. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 100.
31. MARTINELLI, Franco. *História de Rusia*, Tomo II. Editora de Vecchi S.A., Barcelona, Espanha, 1973, p. 190. Adaptado pelo articulista.
32. BEHR, Edward. Op. cit., p. 35.
33. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 103.
34. BEHR, Edward. Op. cit., p. 36
- 34^A. Ib.
35. Ib., p. 37.
36. Ib.
37. Op. cit., p. 38.
38. Ib.
39. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 104
40. Ib.
41. BEHR, Edward. Op. cit., p. 38.
42. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 104. Ilustração: Snark International.
43. Ib., p. 106.
44. BEHR, Edward. Op. cit., p. 39.

45. Ib.
46. Ib., p. 43.
47. 47. Ib., p. 45.
48. Ib.
49. Ib. p. 46.
50. Ib. p. 47.
51. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 107.
52. BEHR, Edward. Op. cit., p. 52.
53. Ib.
54. Ib.
55. ZIERER, Otto. Op. cit., p. 107.
56. BEHR, Edward. Op. cit., p. 53.
57. Ib.
58. Ib., p. 56.
59. Ib.
60. Ib., p. 57.
61. Ib.
62. Ib., p. 58.
63. Ib., p. 59.
64. Ib.
65. Ib., p. 60.
66. Ib.
67. Ib., p. 61.
68. Ib., p. 63.
69. Ib., p. 65.
70. Ib., p. 66.
71. Ib., p. 67.
72. Ib.
73. Ib., p. 78.

**Sem força não há virtude e sem virtude
perece a república.**

Simon Bolivar

(Do discurso na Convenção de Oreaña em 29/2/1828)

A INSURREIÇÃO TAIPING

Liderada por Hung Sui-tuan, foi iniciada em 1851 e debelada em 1864. A população chinesa, formada em quase sua totalidade por miseráveis famintos, aderiu ao movimento. A guerra iniciada por Taiping tinha por objeto derrotar os manchus e sua dinastia. Para os chineses, os manchus haviam se "chinificado", mas não eram chineses.

Em termos atuais, a insurreição Taiping poderia ser rotulada de nacionalista e agrária com laivos de religiosidade que lembravam o cristianismo. Os Taipings, após anos de lutas com sucessos e derrotas, conquistaram cerca de um terço da China. Quando parecia firmar-se a Revolução Taiping, inicia-se a disputa pelo poder entre seus caudilhos.

Neste momento, intervêm os estrangeiros: o Tratado de Nankin (Primeira Guerra do Ópio) estava por terminar sua vigência. O embaixador inglês apresenta a Hung Sui-tuan, em Nankin, o texto de um novo acordo, que prorrogava o Tratado de Nankin e acrescentava cláusulas mais escorchantes. O chefe dos Taipings rejeitou-o. Concordou em manter as relações comerciais, mas proibiu veementemente o tráfico de ópio.

Do mesmo modo, os ingleses dirigiram-se a Pequim, para pressionar o imperador manchu a assinar novo tratado. No centro das cláusulas, o comércio do ópio. O imperador manchu recusou assiná-lo e foi ameaçado em nova guerra, agora com o apoio francês.

Os americanos permaneceram na expectativa.

Não foi difícil encontrar um *casus belli*. Ingleses e franceses tomaram, saquearam, queimaram e destruíram Pequim em todos seus tesouros milenares. Os manchus, também em luta com os Taipings, aceitaram a paz que lhes foi imposta. O novo tratado foi assinado com mediação russa.

A Rússia e os Estados Unidos, embora sem envolvimento na guerra, desfrutaram a condição de "nações privilegiadas".

Os manchus, com apoio ocidental, acabaram por derrotar os Taipings.

Em 25 de junho de 1864, Hung Sui-tuan, o "Príncipe Celeste", comete suicídio.

Os Taipings foram massacrados.